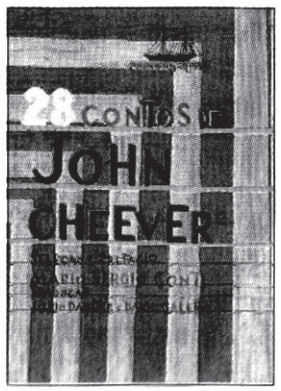
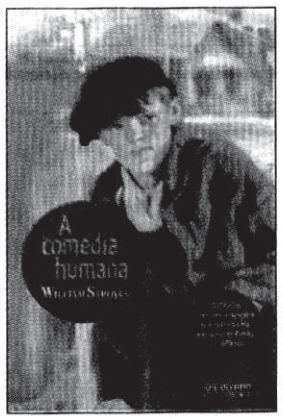
ção definitiva de "O conde de Monte Cristo", também de Dumas, lançada ano passado pela Zahar (e igualmente traduzida por ele e André Telles). Os livros seguem os moldes de humor, a história sobrevive; e se vai pelo lado aventuroso, sobrevive igualmente.

Alexandre Dumas não poderia prever o sucesso que "Os três mosqueteiros" faria. Mas, mas: em vida, o autor fez da história folhetim, livro e peça teatral. De lá para cá, o "um por todos, todos por um" foi adaptado largamente, nos últimos dois séculos, para TV, quadrinhos, Logan Lerman (de "Percy Jackson, o ladrão de raios") no elenco. Uma longevidade que desafia até mesmo os poderes do bruxo de Hogwarts. Que, Rodrigo Lacerda acredita, daqui a al- Luís XIII.

— "Crepúsculo" ainda tem que mostrar serviço, mas acredito que "Harry Potter" vai fazer parte da biblioteca dos adolescentes ainda por muito tem- sonagens interessantes — observa Lacerda. — A literatura juvenil cai hoje num equívoco de ser doutrinadora. E quem disse que o jovem quer ler apenas sobre ele mesmo? ■



• **28 CONTOS DE JOHN CHEEVER, com seleção e prefácio de Mario Sergio Conti (Editora Companhia das Letras):** Um contista refinado que se dedicou a explorar a paisagem emocional dos subúrbios americanos, John Cheever tem alguns de seus principais textos reunidos nesta coletânea, que inclui clássicos como "O enorme rádio" e "O nadador".



• **A COMÉDIA HUMANA, de William Saroyan (Editora José Olympio):** Publicado em 1942 e fora de catálogo no Brasil há mais de dez anos, o romance mais famoso do americano de origem armênia William Saroyan é protagonizado por Homero Macauley, um mensageiro de 14 anos que precisa sustentar sua família durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma literatura do desespero

Marcada por dilemas morais, obra de Georges Bernanos volta às livrarias

Sob o sol de Satã, *de Georges Bernanos. Tradução de Jorge de Lima. Editora É, 320 págs. R$ 53*

Mariana Ianelli

No ano em que Paul Éluard publicava "Capital da dor" e André Gide "Os moedeiros falsos", um romance de estreia iria alvoroçar o meio literário francês vendendo 6 mil exemplares em apenas um dia. O estrondoso sucesso de "Sob o sol de Satã", do então desconhecido Georges Bernanos, em 1926, vieram prenunciar a consagração de um autor marcado pelas angústias de um espírito cristão no seio da modernidade. Sete títulos representativos da trajetória de Bernanos, que foi também jornalista, começam agora a ganhar as livrarias brasileiras, por iniciativa da Editora É, que inaugura a Coleção Georges Bernanos com o relançamento de "Sob o sol de Satã", há pelo menos uma década fora de catálogo, na tradução do poeta Jorge de Lima.

O itinerário sobrenatural que se configura nesse romance, protagonizado pelo padre Donissan, futuro santo de Lumbres, apresenta de maneira exemplar os embates de alma e corpo contra o mal a que todos os personagens de Bernanos de algum modo estão submetidos. Ambientado nos campos do norte da França, paisagem da infância do escritor, "Sob o sol de Satã" traz em seu prólogo a história de Mouchette, uma adolescente atormentada, presa da luxúria e da destruição, que não consegue vencer a tentação do desespero, contra a qual luta o padre Donissan na primeira parte do livro. São duas potências contrárias, duas faces que se atraem e que se enfrentam dentro dos personagens e também entre eles: a necessidade da fé e o apelo do vazio, o poder da esperança e a contaminação do tédio, Deus e o Diabo em uma

Arquivo

O ROMANCISTA Georges Bernanos

guerra encarniçada cujo desfecho, reconciliador dos opostos, na segunda parte do livro, só pode ser sinônimo da morte.

O próprio Bernanos, dois meses antes de sua estreia literária, em carta a Vallery-Radot, dizia estar "entre o Anjo luminoso e o Anjo obscuro", observando a ambos "com a mesma fome raivosa de absoluto". Pois é também assim que seus personagens se miram uns aos outros, uma face duplicando-se na outra, como "Sob o sol de Satã" se duplica, após um período de dez anos, no "Diário de um pároco", romance que está na lista das próximas publicações. O que aproxima os personagens de Bernanos é uma mesma noite satânica, uma potência de destruição que ensombrece a todos, induzindo-os à falta de amor e à perda da alma.

Existem conflitos e lugares carregados de simbolismo que são recorrentes na obra do escritor. Entre eles, a errância solitária dos padres por estradas enlameadas, o intervalo entre noite e manhã como um espaço de metamorfose existencial, e o lugar do confessionário, um dos mais emblemáticos, com seus tabiques de madeira "impregnados de vergonhas", onde aquele que dá a paz não a encontra em si, tal como as páginas aflitas do diário de um pároco relatam seu testemunho de almas perturbadas em uma anunciação do Juízo Final. É importante dizer que também pertencem a um território de confissão os diversos olhares trocados entre os personagens de Bernanos, olhares que leem uns nos outros os pensamentos não verbalizados, a fixidez da luxúria, a mentira, a vontade de suicídio, aquela parte humana povoada de sombras cuja revelação involuntária põe a alma a nu diante do "olhar primeiro de Deus".

Um circuito infernal que escamoteia a injustiça

A figura feminina tem igualmente papel relevante, pois além de encarnar a artimanha e a perversão, no caso da menina Mouchette, que se decompõe em Chantal e Seraphita no "Diário de um pároco", representa a inocência corrompida pelo mal. A figura do soldado, por sua vez, tão cara a Bernanos, tem na imagem de Joana d'Arc a representação máxima do heroísmo cristão. Tais personagens ressurgem na obra do escritor em "A nova história de Mouchette", romance escrito durante a Guerra Civil Espanhola, e "Joana, relapsa e santa", ensaio biográfico sobre Joana d'Arc, outros títulos a serem lançados em breve.

Quanto aos temas sempre presentes para Bernanos, destacam-se a miséria enquanto fonte do desespero, alimentada por Satã, e a pobreza enquanto fonte da esperança, princípio de realeza de um povo errante, descendente de Cristo. O texto "Vida de Jesus", que, tal como "Um sonho ruim", permaneceu inédito até a morte do autor, fala da cristandade da pobreza. Para o escritor, a exploração do homem pelo homem perdura nos costumes, dentro de um "circuito infernal" que escamoteia a injustiça, que é parte da condição humana, ao tentar dispersar a força dos pobres e converter sua altivez em servilismo, se possível transformando-os em pequenos funcionários.

Referindo-se ao tipo grotesco com que Bernanos retrata Anatole France em "Sob o sol de Satã", no personagem do escritor Antoine Saint-Marin, André Malraux atribui a caricatura a uma herança das "gárgulas de Léon Bloy". De fato, Bernanos compartilha com Bloy das opiniões mais enérgicas e controversas sobre a caducidade das academias literárias, sobre o sacerdócio da pobreza e um mundo de tal modo dominado pelo tédio e pelo niilismo que somente uma literatura do desespero seria capaz de responder à linguagem moderna, que "encontrou um meio de fazer da palavra misticismo uma injúria".

Polêmico em sua militância nos anos de juventude, quando chegou a defender a causa monarquista, Bernanos lutou como soldado durante a 1ª Guerra Mundial, experiência que foi assimilada para sua literatura e que atesta uma preocupação intensa com a realidade histórica e espiritual da época, a ponto de o escritor, anos mais tarde, acompanhar de perto, em Palma de Mallorca, os expurgos de Franco e o envolvimento da Igreja na Guerra Civil Espanhola, denunciados em seu longo ensaio "Os grandes cemitérios sob a lua".

Em 1938, início de um autoexílio no Brasil

O final do ano de 1938 marca o início do autoexílio de Bernanos no Brasil, país que ele chamava de "terra da esperança", onde viveu por sete anos, entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, e onde compôs seu romance "Senhor Ouine", originalmente intitulado "A paróquia morta". Também nesse período o escritor colaborou para a imprensa com seus "artigos de guerra", depois reunidos em "Ensaios e escritos de combate", além de ter mantido estreito contato com escritores e intelectuais brasileiros como Alceu Amoroso Lima e os poetas Murilo Mendes e Jorge de Lima. Na sua conferência "Adeus à juventude brasileira", proferida em dezembro de 1944 na sede da União dos Estudantes, no Rio, o escritor conclama os jovens a retomar o espírito de liberdade semeado pela Revolução Francesa. Não por acaso, é também a Revolução Francesa o cenário no qual se passa "Diálogos das Carmelitas", única peça de teatro e última obra de Bernanos, concluída na Tunísia, em 1948, poucos meses antes de sua morte. ■

MARIANA IANELLI *é poeta*